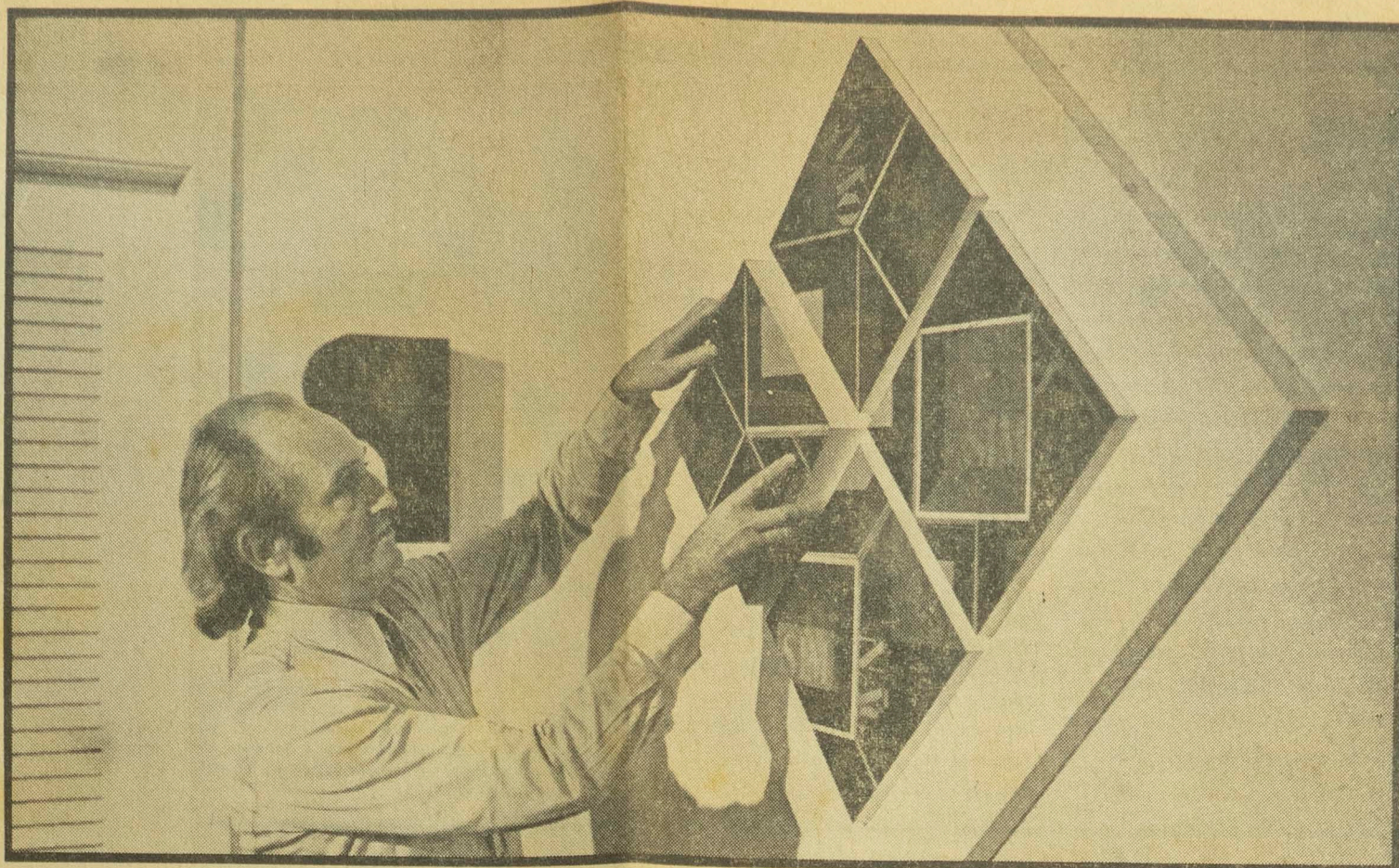


"Chamei-os de Polípticos Mutantes. Segundo um amigo matemático, cada quadro desses possibilita 6 144 opções"

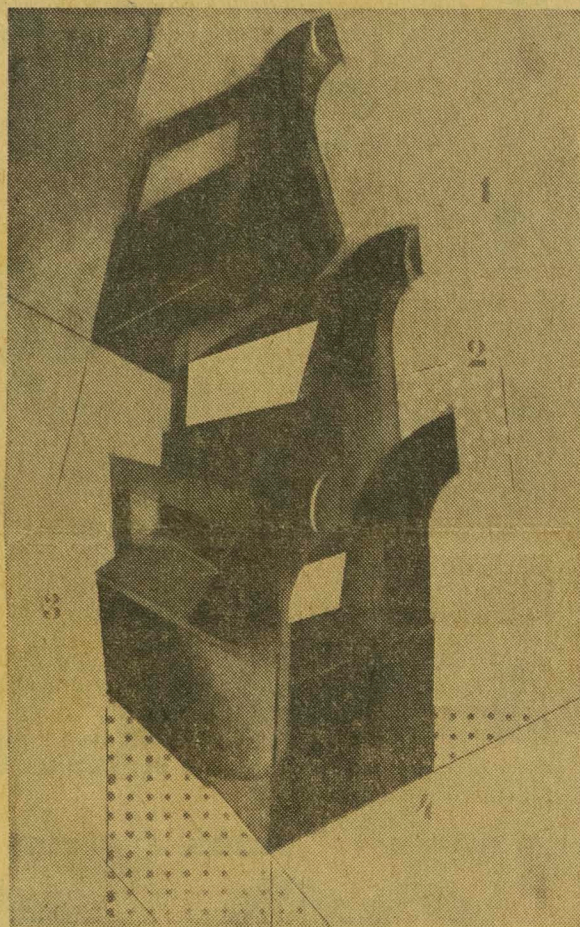


# SCLIAR

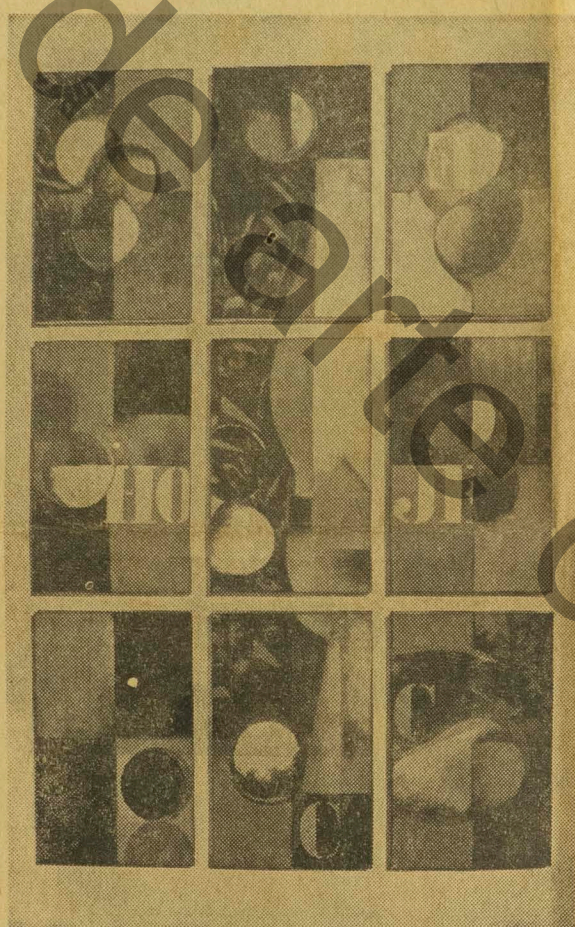
São 18 quadros mutantes e 17 da fase antecedente — objetos em movimento — totalizando 35 peças, que Carlos Scliar vai expor, a partir do dia 21, na Galeria Cosme Velho, São Paulo. Trípticos, polípticos de quatro ou nove peças-quadros, em linhas geométricas ou com temas líricos, são resultado recente da criatividade do artista, solicitam a participação do espectador. Permitem inúmeras opções, dada sua estrutura de apoio das peças que, por sua vez, são pequenos quadros. A mutação é sempre possível, daí seu nome de mutantes que contém, como diz o artista, "a essência de toda a minha composição."

## UM MUNDO COMPOSTO DE MUDANÇA

CELINA LUZ



FERRO DE PASSAR EM ORBITA



POLÍPTICO MUTANTE DO LAMPÍO E DAS FRUTAS



BULE ATERRISSANDO NA NATUREZA MORTA



GARRAFA EM MOVIMENTO

**N**ESTES últimos cinco meses Carlos Scliar realizou cerca de 30 de seus novos quadros trípticos e polípticos de quatro, seis e até nove peças-quadros, a que chamou mutantes. Deles, 10 ficaram com colecionadores cariocas. Os outros integrarão a mostra que ele fará em São Paulo, a partir do dia 21, na Galeria Cosme Velho.

Há seis anos, Scliar fez um primeiro tríptico no qual as peças-quadros já podiam ser mudadas, segundo o gosto ou invenção criativa de seu proprietário. A técnica empregada então, para possibilitar essa mutação, assemelhava-se à de porta-retratos. Tanto idéia como técnica evoluíram, e nos novos trabalhos do pintor, cada peça se encaixa com facilidade na estrutura de apoio, e com a mesma facilidade pode ser retirada dela para a realização das múltiplas combinações possíveis.

### Caminhos fornecidos

Esses quadros mutantes representam, diz Scliar, "a essência de toda a minha composição." E explica:

— Esta exposição vai contar com duas proposições novas: uma decorrente da outra, e todas as duas já ligadas a experiências anteriores e desencadeadas, para mim, no balanço que representou a retrospectiva realizada, em 1970, no MAM. Muitos dos meus trabalhos vinham apresentando proposições, nos últimos anos, que não eram desenvolvidas.

— Mas esta sede de trabalho que me caracteriza, desde que me conheço — continua Scliar — fez com que determinadas idéias lançadas ficassem incubadas, ou melhor, apontadas em certas obras. Ao reencontrá-las percebi que me forneciam caminhos que eu não tinha desenvolvido suficientemente. A partir de 1964 meus quadros tinham o chamado equilíbrio clássico — objetos se organizando no espaço do quadro de maneira harmoniosa, mesmo quando sujeitos a cortes cinematográficos. Desse ano em diante, novas proposições apareceram, quando o equilíbrio dos objetos na beira da base em que estavam pousados, era um equilíbrio tenso, como se

esses objetos estivessem sujeitos ao inesperado desequilíbrio.

### Formas dinâmicas

As frutas, as formas redondas que eram sua síntese de uma fruta, começaram a circular pelos quadros, como um fator necessário a um outro equilíbrio.

— A organização dos objetos dentro do quadro passou a sofrer modificações e se rearmar no espaço de maneira livre. Como se estivessem em órbita. A essa série chamei naturezas mortas em órbita. Dela, a peça principal talvez seja um painel feito em 1966, com 6 x 3m, no qual os objetos dançam, no espaço do quadro, de maneira completamente livre. Periodicamente eu voltava à tentativa das formas equilibradas, mas é raro o trabalho em que determinados elementos não tivessem levantado vôo.

Foi a retrospectiva de 1970, segundo Scliar, que permitiu "a redescoberta de trabalhos anteriores contendo problemas semelhantes aos que está desenvolvendo agora." Ele faz essa análise da evolução de sua obra num ordem perfeitamente cronológica.

— Os objetos no espaço me deram a idéia — maníaco que ou de cinema — de representá-los ocupando várias posições simultâneas no espaço do quadro, como se deslocassem. Ora, não estava inventando nada de novo, pois esse problema já foi colocado por Marcel Duchamp em seu *Nu Descendo a Escada*, que tanto escândalo provocou ao ser exposto nos Estados Unidos. E que hoje é um clássico da arte contemporânea. Também nos trabalhos dos futuristas em que os personagens, homens ou animais, se deslocando, representavam a dinâmica do momento, correspondendo a uma filosofia que tentava apreender a dinâmica da vida moderna.

### Objetos no espaço

— Dou o nome aos meus quadros, pois não quero ousar me apresentar como inventor de um problema que, mesmo antes desses artistas citados, já era sugerido pelos egípcios em seus painéis. E, aliás, antes deles, as pinturas mais antigas conhecidas do homem,

nas cavernas, mostram animais em fuga da perseguição, e essas figuras são representadas com traços repetidos para sugerir movimento.

Hoje essa prática é usada em qualquer história em quadrinho, o que leva Scliar a observar:

— Não fiz mais do que partir de meu objeto em órbita, como se num dado instante quisesse descrever as diferentes posições do objeto no espaço. Claro que a proposição me abria campo para certas indagações, que são do meu trabalho e que acho importante transmitir através de meus quadros.

Uma de suas peças do início deste ano, que fará parte desta exposição, foi chamada pelo autor: *O Lampião que Você Está Olhando se Desloca no Espaço Mais Vezes do que Aquela que Podemos Observar*. Outros nomes desses seus quadros: *Políptico Mutante do Vaso de Flores*, *Bule Aterrissando na Natureza Morta*, *Tríptico Mutante das Caixas*, *Movimentos Reformulados*.

— Estes quadros, esta série, me possibilitaram experiências sem sair demais de proposições anteriores inesperadas, e foi ao longo de um desses trabalhos, ao fazer um tríptico, que percebi que o movimento sugerido pelos objetos poderia se prolongar se eu deslocasse as diferentes peças-quadros, reformulando a composição na base de novos equilíbrios.

Scliar exemplifica essa possibilidade trocando as peças-quadros de lugar, na estrutura de apoio, sob o olhar atento de Moacir Werneck de Castro que, logo depois, começa a dizer estes versos:

"Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, / Muda-se o mar, / muda-se a confiança; / Todo o mundo é composto de mudança, / Tomando sempre novas qualidades."

São versos do *Soneto 45*, de Luís de Camões que afluem à sua memória. Ele recorre ao livro para que se constate bem como as palavras do poeta coincidem com a pintura que está sendo vista. "Continuamente vemos novidades, / Diferentes em tudo da esperança; / Do mal ficam as mágoas na lembrança, / E do bem (se algum houve...) as saudades. O tempo cobre o chão de verde manto, / Que já coberto foi de neve fria, / E em mim converte em choro o doce canto. / E, afora este

mudar-se cada dia, / Outra mudança faz de mor espanto / Que não se muda já como soia."

### Mutação ilimitada

Os últimos cinco meses Scliar passou mergulhado nesse trabalho de trípticos, passando deles para os polípticos de quatro — peças quadradas que podem ser deslocadas quatro vezes em torno de seu eixo ou ocupar o lugar das outras, ou seja, os quatro pontos diferentes do quadro.

— Chamei-os de polípticos mutantes. Segundo um amigo matemático, cada quadro desses possibilita 6 144 opções. Os trípticos permitem 48. E os polípticos que posteriormente realizei, de nove peças, segundo o mesmo matemático, permitem cerca de 371 milhões e uns quebrados de opções. Creio que o trabalho solicita do espectador uma participação criativa desencadeada pela minha obra, mas dependente desse espectador. Aliás, é a mesma coisa que acontece com qualquer quadro em qualquer época.

Nada foi modificado no trabalho anterior do artista. "Pelo contrário, este novo integrou, contém todos os elementos que já existiam."

— Pretendo utilizar somente aquilo que corresponda ao meu temperamento, o que já vinha fazendo, e desenvolver isso. Não estou estabelecendo norma de atividade futura, mas, até agora, foi assim.

### Propósitos estabelecidos

Esta exposição foi programada em 1969. Em 71 Scliar realizou duas mostras em São Paulo: a retrospectiva e uma pequena na Galeria Portal, com as últimas peças feitas em fins de 70 e começo de 71. A respeito de exposições ele tem um propósito:

— Expor no Rio e São Paulo, de três em três anos, intercalando com outras cidades, no Brasil e no estrangeiro, de maneira a fazer no máximo duas exposições anuais. Se possível, uma de gravura e outra de pintura.

Aqui no Rio o artista vai expor seus mutantes em fins de 73 ou, ele prefere, no começo de 74. Continua pintando em sua casa de Cabo Frio (onde foram feitos todos os trabalhos que integram a mostra da Cosme Velho em São Paulo) que absorve, muito produtivamente, 80% de seu tempo.